

Escritura colaborativa como un gesto de correspondencia, confluencia y cultivo de colectividades^[*]

Ísis Daou^(*), Kauê Marcos Pereira da Silva^(**)
Mariana Alves Monteiro^(***), Barbara Peccei Szaniecki^(****)
y Zoy Anastassakis^(*****)

Resumen: Entre 2024 y 2025, las integrantes del Laboratorio de Diseño y Antropología de la Escuela Superior de Diseño Industrial, Universidad del Estado de Río de Janeiro, llevaron a cabo un proceso colaborativo de reelaboración de las líneas de investigación del grupo. Este texto presenta este proceso, delineando las líneas de investigación resultantes y proponiendo que prácticas colaborativas de investigación como esta también son gestos de correspondencia, confluencia y cultivo de colectividades.

Palabras clave: Laboratorio de Diseño y Antropología; Escritura colaborativa; Correspondencia; Confluencia; Colectividad.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 178]

^(*) Possui graduação em Desenho Industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial (2015), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Design também pela ESDI-UERJ (2024), mesma instituição em que atualmente é estudante de doutorado. idaou@esdi.uerj.br.

^(**) Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade Federal Fluminense (2018), Mestre em Design pela ESDI-UERJ (2023), mesma instituição em que atualmente é estudante de doutorado. ksilva@esdi.uerj.br.

^(***) Possui graduação em Desenho Industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial (2015), Mestre em Design pela ESDI-UERJ (2023), mesma instituição em que atualmente é estudante de doutorado. marianamonteiro.a@gmail.com.

^(****) Possui graduação em Comunicação pela ENSAD / École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs (1994), Mestrado (2005) e Doutorado (2010) em Design pela Pontifícia Universidade Católica. Professora Adjunta da ESDI-UERJ. bszaniecki@esdi.uerj.br.

^(*****) Possui graduação em Design pela ESDI/UERJ (1999), é mestre (2007) e doutora (2011) em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MN/UFRJ). É Professora Associada da ESDI/UERJ. zoy@esdi.uerj.br.

[*] Pessoas que colaboraram com esse texto, enviando resumos de suas pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, e também aquelas que participaram das dinâmicas que envolveram o desenho e a escrita das linhas de pesquisas do LaDA, entre 2024 e 2025: Ana Luiza Gomes, André Victor Alves Ramos, Anna Clara Miranda, Arthur Henrique Silveira de Souza, Carolina Noury, Catarina Costa de Souza, Clara de Souza Rocha Meliande, Clara Peixoto Acioli, Daniela Dacorso, Fabiana Duffrayer, Joana Varon, Jonathan Nunes de Souza, Julia Sá Earp de Castro, Manuela DALbertas, Marlene Rodrigues Medrado, Mayra Queiroz Muniz, Paula de Oliveira Camargo, Raíssa Joanna Vítola Albuquerque, Satsumi Murakami, Victor Domingues Venancio.

Introdução

Fundada em 1963, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) foi a primeira escola de design do Brasil e surgiu em estreita vinculação com paradigmas eurocêtricos de formação e prática em design. Sua criação no centro histórico do Rio de Janeiro, uma cidade marcada por cinco séculos de colonialidade, desigualdades raciais e projetos desenvolvimentistas, inscreve a escola em uma trajetória em que o design moderno se expandiu globalmente, carregando marcas coloniais em seus modos de produção e difusão. É nesse local que opera o Laboratório de Design e Antropologia (LaDA), criado em 2013 pelas professoras Barbara Szaniecki e Zoy Anastassakis, em meio a experimentações que anunciavam o interesse por práticas situadas, na confluência entre design e antropologia (Anastassakis, 2024). Desde as primeiras parcerias com projetos sociais em favelas no Rio de Janeiro, até cooperações internacionais, como as estabelecidas com o Codesign Research Center, em Copenhague, Dinamarca (Szaniecki et al., 2023), e com o projeto “Knowing from the inside”, coordenado por Tim Ingold, em Aberdeen, Escócia, o laboratório se consolidou como espaço de experimentação coletiva, em que as leituras, escritas e colaborações entre as integrantes são elementos fundamentais das pesquisas realizadas por cada uma de nós. Ao longo dos anos, muitas pesquisadoras passaram pelo LaDA, experimentando modos de compor e sustentar práticas de pesquisa compartilhadas. As experiências de escrita coletiva acompanharam a própria trajetória do laboratório, presentes em oficinas, jogos, exercícios de campo e experimentações conduzidas em projetos situados nos territórios, e em parceria com coletivos e comunidades. Essas práticas ganharam novos contornos a partir de 2020, quando, em plena pandemia de Covid-19, as pesquisadoras precisaram reinventar modos de estar juntas. O ensaio “Sobre cuspes e perdigotos: Sete gestos contra a necropolítica zumbi no Brasil” (Serpa et. al, 2020) é um marco desse período: escrito por sete integrantes do laboratório, o texto nasceu de encontros remotos, leituras compartilhadas e debates sobre corpo, risco e necropolítica no Brasil, afirmando a escrita como um modo de sustentar presença e vínculo mesmo à distância.

Com o retorno gradual das atividades presenciais em 2022, essas práticas se deslocaram novamente para a convivência no campus da ESDI. No artigo “Design micelial: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI/UERJ” (Biz et. al, 2022), a escrita emergiu de caminhadas, cultivos, ações comunitárias

e registros feitos coletivamente em hortas urbanas, compondo narrativas elaboradas a muitas mãos. No mesmo ano, “Grafiás outras: extrapolando barreiras positivistas nas escritas em design” (Szaniecki et. al, 2022) trouxe o relato da experiência de uma sessão de conversação no 14º P&D – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, ampliando essas experimentações em espaços acadêmicos, propondo exercícios de escrita em grupo que tensionam formatos positivistas e convidam à recomposição textual. Esses processos continuados de investigação e convivência serviram de base para *Imaginação, participação e correspondência* (Szaniecki et. al, 2023), livro que reúne textos e reflexões conduzidos coletivamente, consolidando a escrita coletiva como prática relacional e processual no cotidiano do laboratório.

Num período mais recente, entre novas chegadas e despedidas, surgiu o desejo de estar juntos e se conhecer na presença. Aos poucos, também fomos nos dando conta do que perdemos durante o tempo pandêmico: não apenas as lacunas de memória coletiva, mas, também, os vestígios digitais dispersos em pastas, nuvens e *links* que se multiplicaram. Entre essas perdas, estavam os textos das linhas de pesquisa do laboratório. Numa tentativa de reelaboração das linhas de pesquisa do LaDA, se fazia necessário escrever algo que pudesse de alguma forma reconstituir uma memória, mas, também, definir as linhas de pesquisa, tal como praticadas e pensadas no momento presente. Esse movimento coincidiu com a reestruturação das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design da ESDI (PPDESDI), que definiu quatro novas linhas, processo em que o LaDA passou a integrar a linha de pesquisa “Design, territorialidades e antropoceno”.

A partir daí, escrever coletivamente sobre as linhas de pesquisa do laboratório tornou-se também uma forma de pensar o seu próprio lugar no presente, não só na comunidade acadêmica, mas, também, para fora dela, e em suas continuidades possíveis. Neste artigo, apresentamos este processo, delineando as linhas de pesquisa resultantes, buscando defender que práticas colaborativas de pesquisa, como esta, são, também, gestos de correspondência, confluência e de cultivo às coletividades.

Quando pensamos em termos de gestos, fazemos menção às formulações de Marie Bardet, comentadas por Julia Sá Earp de Castro (2024), pesquisadora do LaDA.

Com a “*ecologia de los gestos*”, a filósofa investiga como os gestos são relações entre matéria, energia, técnica, instituições, modos de pensar, relações sociais e modos de organizações políticas. Pelo ponto de vista de Bardet, a pesquisa antropológica estaria vinculada ao pensar com estas sociedades, e, portanto, entrelaçada com as relações entre materiais, plantas, corpos e objetos, relacionadas às organizações sociais a partir e desde os gestos. Assim, pensar entre, com e como gestos, seria a possibilidade de abarcar de maneira precisa uma continuidade entre corporeidades, meio ambiente, criação técnica, organização social, modos de vida e maneiras de sentir-pensar (Bardet, 2019). Segundo Haudricourt, a compreensão do cultivo dos gestos, percebidos aqui de forma ampliada e necessariamente atrelada a ambientes e contextos específicos, permite evidenciar movimentos e relações entre humanos e os mundos que eles habitam, superando certas oposições binárias que marcam a própria pesquisa etnológica tradicional (Haudricourt, 2019; Bardet, 2019). Os gestos, portanto,

são compreendidos para além de simples formas corporais, como modos de relação que atravessam corpo, objeto, força, contexto, revelando movimentos de continuidade entre dimensões aparentemente separadas e evidenciando alguns de seus mecanismos escondidos (Bardet, 2019).

Quando falamos em correspondência, pensamos com Gatt e Ingold (2013) e Ingold (2016), que a definem como uma prática contrapontual, não aditiva. Algo mais aproximado à caminhada de duas ou mais pessoas, movendo-se juntas na mesma direção, do que ao encontro face a face, um avançando na direção do outro. Algo próximo ao dar as mãos. “O conceito de correspondência coloca a imersão como central nas práticas de *design anthropology* e reforça o seu caráter social” (Gomes, 2025, p. 38). A correspondência é fluida, e enfatiza o fazer com, o estar junto, assim como a confluência, tal como proposta por Antônio Bispo dos Santos.

Quando mencionamos os gestos de confluência, retomamos a expressão elaborada por Ana Luiza Gomes, pesquisadora do LaDA, que, em diálogo com a pesquisa de Julia Sá Earp de Castro, e em referência a Antônio Bispo dos Santos, define esses gestos como “maneiras de fazer pesquisas incorporadas, em aprendizado com as subjetividades de mestres/mestras; pesquisas feitas sem tirar o corpo fora das dinâmicas de poder que envolvem esses espaços de resistência” (Gomes, 2025, p. 87). Confluência, tal como mobilizada aqui, por nós, foi uma palavra germinada por Antônio Bispo dos Santos (2023), fazendo referência à “energia que está nos movendo para o compartilhamento. [...] Uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Santos, 2023, p.15). Assim, para nós, no LaDA, fazer colaborações por meio de gestos de confluências tem a ver com o engajamento em modos cuidadosos de fazer pesquisa em colaboração, cultivando, sobretudo, as coletividades conformadas em meio ao trabalho colaborativo.

Quando nos referimos a coletividades, pensamos de modo alinhado à antropóloga Nastassja Martin:

Uma pessoa nunca chega “sozinha” a um lugar; ela chega carregando um coletivo e uma história, traz em seu rastro um sem-número de entidades invisíveis que ela não reconhece, das quais se defende, mas que aderem a ela, pouco importa o que diga. Que esse coletivo histórico que ela atualiza ao chegar não seja “verdadeiramente” o seu não tem importância alguma, porque esse não é o ponto. O ponto, em um primeiro encontro, é sempre reposicionar o nós com relação a “eles”, que se converteu quase imediatamente em “você”, pois é muito mais prático se dirigir a uma pessoa em carne e osso do que os demônios mortos (mas sempre tão dolorosos) do passado e da história colonial (Martin, 2023, p. 82-83).

Aqui, o cultivo de coletividades tem a ver com um investimento sobretudo relacional. Assim, fazer pesquisa não tem a ver apenas com o objetivo final da produção de conhecimento, mas, também, com o cuidado com os modos com que, em meio aos processos colaborativos de fazer pesquisa, se cultivam as relações, estimulando um ambiente coletivo que seja movido por gestos de correspondência e confluência. Neste

sentido, cuidamos, também, de cultivar um “design das relações”, tal como proposto por André Victor Alves Ramos, pesquisador do LaDA: “pensar o *design das relações* implica não somente em uma aposta no aperfeiçoamento das relações, mas, também, em uma transformação no que podemos entender como design” (Ramos, 2025, p. 74).

O processo de escrita coletiva

Retomemos, agora, o processo de escrita coletiva das linhas de pesquisa: em agosto de 2024, começamos a elaborar as novas linhas de pesquisa do LaDA. No contexto brasileiro, essa tarefa atende às exigências institucionais do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). No LaDA, ela foi tomada não apenas como uma obrigação formal, mas como oportunidade de experimentação em torno de modos de pensar e escrever juntas. Ao invés de nomear grandes áreas de interesse, buscamos compor e elaborar coletivamente categorias que ressoassem com nossas investigações em curso, colocando em prática um exercício de autoria compartilhada.

O processo teve início em uma reunião em que todos escolhemos palavras relacionadas às pesquisas individuais e aos temas e interesses que atravessam o laboratório. Cada palavra foi escrita em pequenos papéis e disposta sobre uma mesa, compondo uma espécie de atlas de possibilidades (*Figura 1*). Caminhando em volta dela, observando e editando os agrupamentos espontâneos que começavam a surgir, íamos adicionando palavras que pareciam faltar e lembrando do que conhecíamos uns sobre as pesquisas dos outros. As relações entre algumas palavras começaram a surgir e, de acordo com as afinidades, se conformaram alguns grupos e tentativas de nomeação. A disposição dos papéis, as conexões improvisadas com barbantes e as conversas em torno deles se mostraram um tipo de ensaio metodológico: experimentamos a escrita como uma prática coletiva, em que as categorias emergiam do próprio encontro, das ações e das conversas.

No último encontro de 2024, por exemplo, em uma espécie de jogo da garrafa, cada integrante do laboratório foi convidado a explicar a pesquisa de outro colega (*Figura 2*). O jogo, além de divertido, nos incentivou a abrir a atenção para o outro, em um movimento contra-introspectivo: compreender a pesquisa do outro tornou-se um modo de exercitar atenção, cuidado e articulação entre trabalhos distintos, reforçando vínculos dentro do grupo. Entre momentos de descontração desse último encontro do ano surgiu uma ideia de fazer uma disciplina de campo no período de férias, uma brincadeira que foi levada a sério.



Fonte (Ísis Daou, 2024).

Em fevereiro de 2025, a ideia do campo coletivo de férias se desenrolou na disciplina “Fazer e habitar para além do desenvolvimento”, realizada pelas professoras Zoy Anastassakis, Paula Camargo e Júlia Sá Earp, em parceria com a Ialorixá Mãe Marlene de Oxalufã, pesquisadora associada ao LaDA e membro do projeto de extensão “Cozinha das Tradições”, coordenado por Zoy Anastassakis. Realizar a disciplina no Ilê Axé Omin Otá Odara, no interior do Estado do Rio de Janeiro, permitiu mobilizar dimensões do fazer-junto/fazer-com que se expandiram para experiências de campo coletivas que instigaram leituras e um ateliê de projeto em design e arquitetura, além de fornecer apoio na articulação de uma campanha de financiamento coletivo, com o objetivo de reformar e ampliar a casa para acolher mais filhos e pesquisadores. Mais do que um exercício acadêmico, tratou-se de uma prática em que fazer e saber se entrelaçaram em trocas constantes, revelando também a materialidade circunstancial e corpórea do trabalho de campo: um episódio de contaminação por Febre Oropouche que expôs dimensões físicas e vulneráveis de todos nós como pesquisadores, impondo novos modos de aprender e de se relacionar com o mundo. Essa experiência resultou em algumas escritas coletivas, que se consolidaram em publicações e apresentações em eventos acadêmicos ao longo do ano.



Figura 2. Registros do encontro do jogo da garrafa.

Fonte (Mariana Alves Monteiro, 2024).

As práticas de compartilhamento também se projetaram na participação em encontros e congressos acadêmicos recentes, como a Reunião de Antropólogos do Mercosul (RAM), em Salvador, o 15º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, em Manaus, o Simpósio de Design Sustentável, no Maranhão, a Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, no Rio de Janeiro, e o próprio *Encuentro de Antropología y Diseño en América Latina*, no México. Nesses espaços, temos nos empenhado não só para escrever trabalhos individuais, mas também em co-autoria levando nossas pesquisas para debate com outras pesquisadoras, compreendendo que nossas investigações são atravessadas por contribuições coletivas – tanto do laboratório quanto de outros núcleos e interlocutoras. Essas atividades ocorreram em paralelo ao desenho e escrita das linhas de pesquisa e contribuíram para a reafirmação de vínculos. A escrita e edição das linhas de pesquisa perdurou por pouco mais de um ano, em que estivemos ruminando ao redor dessas ideias, pensando e repensando os agrupamentos temáticos, e a redação e edição cuidadosa de cada uma delas. O resultado dos processos foram cinco linhas de pesquisa, concebidas desde o primeiro encontro como pontos de relação e passagem entre si. Apesar de a maioria dos nossos projetos de pesquisas transitarem entre mais de uma linha, a afirmação desses eixos se faz necessária para o nosso próprio entendimento, como integrantes do

laboratório, sobre quais são os interesses e qualidades das nossas abordagens de pesquisa nesse momento. Portanto, compartilhamos os textos das linhas de pesquisa e também alguns exemplos de seus respectivos projetos de pesquisa como modo de elucidar abordagens singulares.

Linha 1: Visualidades, história e memória

A primeira linha, dedicada às *Visualidades, história e memória*, investiga imagens, arquivos e acervos também como montagens e recomposições capazes de problematizar narrativas hegemônicas. As pesquisas trabalham diversas práticas da visualidade, tais como fotografia, desenhos, imagem em movimento, artes visuais e design, entre outras técnicas históricas ou contemporâneas. Essas abordagens envolvem tanto as experimentações com a produção de visualidades, quanto a curadoria de acervos e arquivos, no sentido de valorizar a memória e levantar debates em torno de diferentes modos de presentificar e dar a ver.

A memória também é uma criação, uma montagem, uma linha (ou curva) de edição, como podemos ver no “Atlas Mnemosyne”, de Aby Warburg, ou no “Feral Atlas”, de Anna Tsing, entre muitos outros modos. Essas abordagens envolvem, portanto, composições e recomposições dessas visualidades articuladas que resgatam e recriam outras possibilidades de narrativas históricas e de pensamento visual, a partir de arquivos e acervos. Essa linha investiga como práticas visuais diversas dinamizam, ao mesmo tempo em que problematizam, os modos tradicionais de expressão e representação, afetando assim as práticas projetuais, entre elas o design.

É o caso, por exemplo, da pesquisa de mestrado de Ísis Daou (2024), “Pensar-com imagens: subversões e fabulações em torno da bandeira nacional brasileira”, que investigou 338 versões alteradas da bandeira brasileira (2013-2023), coletadas por registros fotográficos e plataformas digitais (*Figura 3*). A partir de uma etnografia visual das imagens em circulação, o estudo analisou como esse símbolo nacional se tornou um campo de disputa estética e política, no qual se condensam afetos, conflitos e fabulações sobre o país. Propondo o “pensar-com imagens” como gesto metodológico e epistemológico, a pesquisa buscou deslocar a imagem de seu papel representacional, tratando-a como potência de relação e especulação, capaz de produzir pensamento e instaurar mundos – assim, as versões alteradas da bandeira foram compreendidas não apenas como comentários visuais sobre o contexto político recente, mas como composições que reconfiguram o sensível e participam da elaboração de imaginários comuns. Essa abordagem permitiu pensar os modos como práticas visuais atualizam, tensionam e reinventam imagens coletivamente compartilhadas, abrindo brechas para novas formas de pertencimento e de narrativa histórica.



Figura 3. “Bandeira Brasileira”, de Leandro Vieira, 2019, fotografada no MASP na exposição Histórias Brasileiras. *Fonte* (Ísis Daou, 2022).

Em continuidade a essas questões, sua pesquisa de doutorado investiga a colagem e a montagem como práticas visuais de recomposição no contexto do Antropoceno. Partindo do excesso de imagens que fragmenta subjetividades e tensiona nossa capacidade de imaginar coletivamente, o estudo propõe compreender colagens e fotomontagens não apenas como objetos expressivos, mas como modos de pensar com imagens – práticas que trabalham com restos, fragmentos e ruínas, em afinidade com concepções de mundo propostas por autoras como Anna Tsing (2024). Assumida como método de investigação visual, a colagem articula materialidade, imaginação e responsabilidade, aproximando-se de epistemologias visuais situadas. Nesse horizonte, recompor imagens significa também recompor mundos: reorganizar sentidos e ensaiar futuros possíveis a partir dos fragmentos disponíveis, reconhecendo o gesto de composição como prática política, estética e ontológica.

Outra pesquisa, de Victor Domingues Venancio, se dedica às imagens encontradas no “Shopping Chão” (Figura 4) – nome dado a um tipo de comércio informal comum nas calçadas do Rio de Janeiro – investigando as relações entre sociedade e as imagens – seus usos, descartes e destinos possíveis. Com qual finalidade elas foram produzidas? Quais histórias elas contam? Quais histórias elas poderiam contar? Não se trata de tentar restaurar ou reconstituir o passado, mas, sim, de especular, imaginar, sonhar e criar possibilidades de futuro ao pensar sobre a memória; sobre as imagens e seus usos; suas histórias; seus contextos; suas realidades e ficções; suas possibilidades.



Figura 4. Shopping Chão, Lapa - Rio de Janeiro.
Fonte (Victor Domingues Venancio, 2024).

Linha 2: Fazer pesquisa com, em e por meio do design

A segunda linha de pesquisa, *Fazer pesquisa com, em e por meio do design*, envolve projetos que experimentam metodologias em design, antropologia e arte, em correspondências também com outras áreas e, nessa transdisciplinaridade, entrando em aliança com seres, elementos e “coisas” para além do humano. É do interesse investigar os meios e processos que integram o próprio pensamento de pesquisa, assim como a maneira pela qual os recursos são elaborados e coordenados articulados em cada projeto.

As pesquisas nesta linha buscam experimentar um fazer pesquisa em antropologia por meio do design e também um fazer design por meio da antropologia e da arte. Combinando abordagens metodológicas como: cartografia, etnografia, design antropologia, pesquisa por meio do projeto, pesquisa-criação, codesign, fazer-com, fazer design, fazer pesquisa por meio do design, design participativo, práticas de coleta, correspondências, entre outras aproximações experimentais ou ainda sem nome; essas pesquisas experimentam como o design, e a antropologia e a arte podem confluir, propondo modos de investigação pertinentes aos desafios do tempo presente.

Raíssa Vítola, por exemplo, pensa processos de criação em design como forma de entendimento subjetivo e investigação de questões autorais. Nela, a criatividade é pensada como necessidade humana e modo de expandir a percepção sobre aquilo que nos cerca (Ostrower, 1983), compreendendo a materialização criativa e os encontros com os materiais como processos abertos de formação e transformação do mundo. Nesse sentido, a proposta de pensar *objetos de criação residual* (Figura 5) é trazida como uma busca por autonomia criativa e forma de resistência à aceleração, apresentando-se como possibilidade de estabelecer diálogos além do campo tradicional de atuação de designers.



Figura 5. Objetos de criação residual.

Fonte (Raíssa Vítola, 2025).

A partir de conceitos como simpoiese (Haraway, 2023), e correspondência (Gatt & Ingold, 2013), Clara Acioli procura experimentar e aprender por meio do fazer (mundos) com os fungos, de forma micelial, cuidadosa e crítica. Busca compreender o cultivo nas tensões entre o cuidado e o controle, e como permeiam as relações entre humanos e os fungos nas práticas de criação e construção com o micélio - nas artes, no design e na arquitetura. Ao adentrar o universo fúngico e buscar conhecer suas formas de estar e fazer mundos - repleto de assembleias multiespécies (Tsing, 2019) e negociações multiníveis e biodiversas - a pesquisa de Acioli espera contribuir com um design alinhado e atuante no contexto das urgências ecológicas-climáticas-políticas de um Antropoceno em ruínas, mas ainda assim repleto de vida.

Linha 3: Design, políticas e interseccionalidades

A linha de *Design, políticas e interseccionalidades* reúne investigações com enfoque em questões de raça, gênero, sexualidade, classe e suas interseccionalidades, buscando investigar como elas são colocadas em prática no mundo e o que elas provocam, seja em meio a noções como a de projeto, ou nos movimentos e lutar por justiça social. Em aliança com movimentos coletivos e comunidades que confluem práticas e gestos indígenas, afrodiaspóricos, decoloniais e contracoloniais, são realizados trabalhos de análise e problematização de experiências de vulnerabilidade e violência contra populações subalternizadas. A partir de gestos de confluência, resgata-se epistemologias alternativas e procura-se construir outras formas de conhecimento.

Investiga-se também o design das relações incorporando perspectivas tecnopolíticas e biopolíticas, entendendo o design como um campo de mediação entre corpos, subjetividades, tecnologias e regimes de poder. Também estão situadas pesquisas de debates em torno de identidades, protagonismos, novos atores na história do design e seus desdobramentos em políticas públicas e cotidianas, frequentemente tensionando as noções de normatividade e os modos de relações contemporâneas. Essas investigações afirmam o design como campo de mediação que possibilita a invenção de formas novas.

A pesquisa de André Victor Alves Ramos investiga as possibilidades de regeneração de relações subjetivas frente às devastações do laço social no Antropoceno, a partir da experiência do PITOMBA – Laboratório impresso de imaginações políticas e artísticas. A pesquisa propõe uma reflexão teórico-prática entre design, antropologia e psicanálise, compreendendo o laboratório como um entremeio capaz de articular práticas coletivas, artísticas e políticas enraizadas em saberes-fazer territorializados. Por meio da escuta e da experimentação gráfica, o PITOMBA busca constituir-se como espaço de perlaboração coletiva, fabulação e cuidado, em confluência com ancestralidades afro-indígenas e experiências periféricas, contribuindo para pensar modos de fazer mundos e sustentar práticas regenerativas no campo do design.

Outra pesquisa dessa linha é a de Arthur Silveira, que investiga as relações intergeracionais no Salgueiro (*Figura 6*), estabelecendo relações com a *Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro* e no *Caxambu do Salgueiro*, nas quais o pesquisador busca compreender como memória, identidade, território e propósito se entrelaçam em práticas culturais que valorizam heranças, reinventam tradições e projetam futuros comunitários.

Já Catarina Souza investiga as vivências de mulheres negras nos cursos de pós-graduação em design no Brasil, reunindo percepções sobre desafios e opressões enfrentadas no ensino superior, evidenciando como, apesar das barreiras do racismo, machismo e desigualdades sociais, as presenças dessas pesquisadoras podem servir de referência para outras pessoas afrodescendentes, além de tensionar a convivência de corpos negros nas universidades.



Figura 6. Mesa de conversa com participantes do LaDA na sede do Caxambu do Salgueiro, em visita guiada por Marcelo Qlajinminá (à esquerda). *Fonte (Ísis Daou, 2025).*

Linha 4: Fabulações, imaginários e práticas de reencantamento

A quarta linha, *Fabulações, imaginários e práticas de reencantamento*, aposta na ficcionalização e na especulação crítica como modos de revisitar passados, ativar saberes invisibilizados e imaginar futuros possíveis. Trata-se tanto de retomar histórias apagadas como de contar histórias potenciais. Assim, o tensionamento das relações entre passado, presente e futuro em suas modalidades lineares, circulares e espirais abrem possibilidades de fabulações, especulações, imaginários e encantamentos. A fabulação, aqui, não é fuga, mas gesto de atenção e responsabilidade, recurso para abrir passagens entre temporalidades.

Através de histórias descartadas, sonhos invisibilizados, lacunas acadêmicas, rastros florestais, práticas e saberes ancestrais e conhecimentos tradicionais, estas pesquisas abrem outros imaginários visando reencantar o mundo, os mundos. Um aspecto fundamental dessa linha envolve o trabalho em documentos de variadas naturezas, entendendo que espaços como a própria rua podem funcionar como um acervo vivo e dinâmico.

Os modos de registro variam entre a oralidade, a escrita, as escrevivências e as imagens. Os registros podem se dar, a nível técnico, por anotação, fotografia, desenho ou audiovisual entre outros, mas o que importa é a relação entre pesquisadores e os participantes-parceiros-pessoas envolvidos na pesquisa.

Outro trabalho relacionado é a tese de Paula de Oliveira Camargo, que entrelaça a trajetória do Centro Carioca de Design (CCD) com o próprio ato de escrever, organizando-se em “Tempos” e “Atravessamentos” (2022). A fabulação emerge no capítulo “Design como Casa”, por meio de desenhos e imagens que aproximam e incitam narrativas críticas sobre espaço, cidade e memória. Nesse gesto, a história contemporânea é repensada em diálogo com práticas de design, políticas urbanas e experiências coletivas.

Na tese “Tempos e atravessamentos: tramando linhas a partir do Centro Carioca de Design” Paula assume diversas vozes, como a da própria casa e a do monumento que existe na praça à sua frente. Esse exercício especulativo busca situar a autora como parte do mundo em que vive, entendendo que todas as pessoas não “estão no mundo”, mas “são mundo”, junto a todos os seres e elementos que constituem o planeta.

A autora traz também, a partir da experiência da pesquisa no tempo dilatado de uma tese, reflexões sobre o próprio ato de escrever. Aranhas, polvos, seres extraterrenos, livros de ficção e de teoria se mesclam numa narrativa que percorre o tempo da cidade, do CCD e da escrita de modo não-linear, propondo uma estrutura tentacular para o tempo e para a tese. Entremeando o que seria, inicialmente, o seu “objeto de pesquisa” (o CCD) com o questionamento em relação aos modos de produção da academia, Paula apresenta propostas de uma escrita situada, em que se implica na tese como agente e observadora. A “Manifesta por saber atravessada”, que abre o texto, conta com alguns pontos que reafirmam essa visão. Entre eles, destacam-se o número 1 (*Toda tese é uma ação, e não um produto*) e o número 9 (*Não existe “isenção”. Todæ autoræ é umæ tradutoræ de mundos e, como tal, tem o dever de se posicionar. Só existe a tese que é feita por quem a escreve*). A tese de Paula de Oliveira Camargo oferece, assim, uma visão crítica e especulativa a partir do estudo do Centro Carioca de Design, passando pelo contexto político do país e pela sua produção acadêmica durante os anos de doutorado, elaborando uma trama complexa que oferece a quem lê uma visão múltipla não apenas sobre o CCD, mas também sobre o próprio fazer-tese.

Outra pesquisa é a de Carolina Noury, que coleta narrativas ancestrais e suas escritas gráficas para salvaguardar mundos violentamente atacados, a fim de enfrentar o desencanto do mundo moderno colonial aniquilador de corpos, saberes e linguagens. O modo de vida do ser humano moderno, baseado na perspectiva desenvolvimentista e do progresso, levou à extinção e ao aniquilamento de muitas vidas, mundos e culturas. A atividade do design nasce alinhada aos princípios da modernidade e, portanto, em consonância aos valores hegemônicos e coloniais que ainda seguem sendo difundidos. Desconstruir a narrativa de uma história colonizadora e, portanto, instauradora de violências e opressões é lutar contra o epistemicídio e o memoricídio que vivemos há mais de 500 anos (Okabayashi, 2021).

Nesse sentido, olhar para práticas de povos que souberam e continuam resistindo ao projeto moderno colonial nos ajuda a pensar uma reorientação do design moderno em direção a um design biocêntrico, mais comprometido com a vida. Para a permanência das vidas é necessário voltar a cultivar e pisar o chão da terra, precisamos aterrar em

direção ao terrestre conforme nos orienta Bruno Latour (2020). A urgência da vida diante os desastres do Antropoceno nos coloca em luta por outros mundos possíveis, abrindo caminhos para alianças com seres encantados, entidades manifestadas em um terreiro de umbanda, para resgatar políticas ancestrais e as formas de vida de um povo que soube resistir ao projeto colonial.

Linha 5: Territorialidades, corpo e Antropoceno

Por fim, a linha de *Territorialidades, corpo e Antropoceno* reúne pesquisas que questionam a universalidade desse conceito centrado no antropo a partir de experiências situadas em territórios diversos. O design, aqui, é pensado em correspondência com práticas insurgentes e regenerativas, mais atento ao habitar e à manutenção do que ao projeto de soluções. Esses estudos envolvem as diversas práticas que estão ligadas ao reconhecimento dos múltiplos seres da Terra com seus diferentes pertencimentos e relações com a terra e os territórios.

Trata-se de pensar em como se pode desenhar (manifestar) em cada composição da superfície da terra, colocando em relação os modos de estar nas cidades, nas favelas e periferias, nos quilombos, nos terreiros, nas florestas, nas margens e territórios digitais; as ancestralidades e futuros possíveis; as águas e as terras; as insurgências e ressurgências; outras formas de sustentabilidades, de manutenção e de regeneração; o corpo e práticas de cuidado dos habitantes do planeta... e tudo para mundos coexistentes, potentes, possíveis. A pesquisa de mestrado de Kauê Silva (2023) se relaciona com essa linha, à medida em que o território da Baía de Guanabara é investigado a partir de seus resíduos. Em gestos de coleta e também de criação, o designer-artista caminha nas praias guanabaras coletando resíduos, depois cria novos objetos a partir dessas coisas. Como uma tentativa de relacionar essas peças residuais, articulando poética e sensivelmente essas coisas em objetos capazes de mostrar um pouco sobre o que guardam essas paisagens, as belezas, mas também os terrores. Essas obras, criadas a partir dos resíduos, podem ser manipuladas pelos espectadores, que se convertem, em participantes e em seres da Guanabara. Exemplos dessas obras são a *Máscara da Guanabara* e a *Bolsa da Guanabara* (Figura 7): a primeira permite aos espectadores adentrar de cabeça nesse universo lúdico, enquanto a segunda contém os resíduos coletados e funciona como um convite à coleta. Assim, os sentidos dos participantes são atravessados pelas materialidades, provocando questões sobre as paisagens e seus resíduos.

Em sua atual pesquisa de doutorado, Kauê segue investigando o território da Baía de Guanabara, com especial interesse em outros agentes que também mobilizam essas materialidades, especialmente os coletores, ou catadores. A partir de uma abordagem que se relaciona diversos recursos, como fotografias, documentários, dramaturgias, capazes de articular sensivelmente esse território, seus resíduos e os catadores.

Outra pesquisa que dialoga com esta linha é a de Mariana Alves Monteiro, que tem investigado táticas de insistência para lidar com as emergências do Antropoceno. Em seu mestrado (2023), acompanhou coletivos de festas de rua durante a pandemia de Covid-19,

para entender como os rituais de encontro estavam sendo impactados pelo isolamento social, assim como suas táticas para garantir a continuidade das festividades após o período de crise. Dentre outras categorias, os “espaços de encontro” foram identificados como de grande relevância para a manutenção e renovação das tradições e coletividades estudadas. Dentre esses espaços está o quintal. Assim, em sua pesquisa de doutorado, a pesquisadora passa a investir nessa unidade, investigando os quintais como territorialidades que articulam práticas de cultivo, festa e cuidado, envolvendo manutenção de vínculos familiares e comunitários, criação, memória e política, onde se reúnem pessoas, árvores, tambores e saberes, sustentando modos de viver plurais (*Figura 8*). Inserida no campo do design e em diálogo com a antropologia, a pesquisa adota abordagem etnográfica e cartográfica sensível e visa contribuir para pensar regeneração, insistência e modos de habitar nas cidades e florestas, em coabitação multiespécies, mesmo com seus ciclos e rituais sendo impactados pelas transformações climáticas e pelas negociações históricas e cotidianas com monoculturas, capital e Estado.

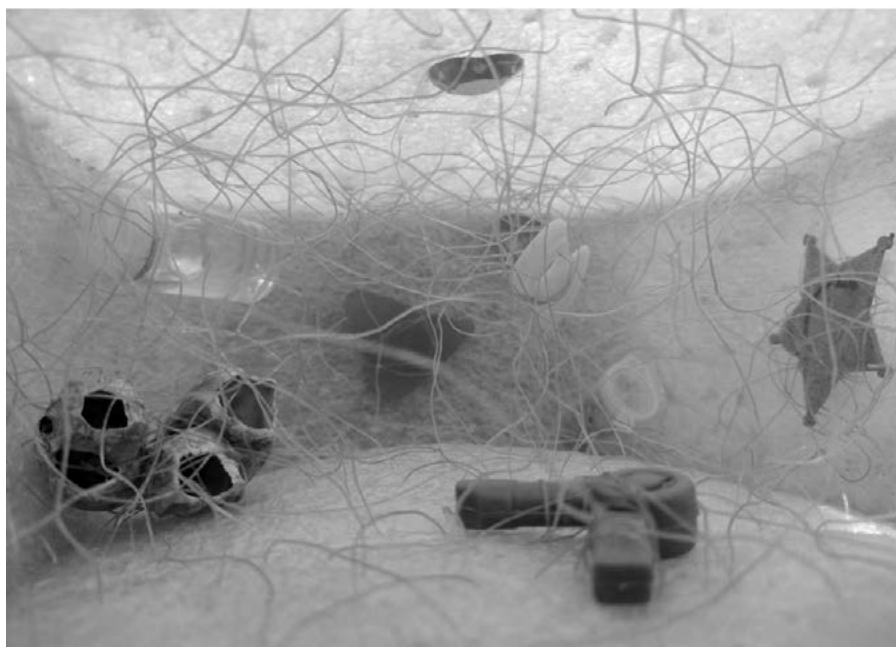


Figura 7. Interior da Bolsa da Guanabara.

Fonte (Kauê Silva, 2023).



Figura 8. Caminho na floresta.

Fonte (Mariana Alves Monteiro, 2025).

Considerações finais

O processo de escrita das linhas de pesquisa foi, para nós, uma experimentação do *fazer-com* – um modo de pensar e agir juntas, levando às reuniões do laboratório o que aprendemos em campo e nos encontros com nossas parcerias de pesquisa. Esse termo, na perspectiva relacional proposta por autoras como Strathern (1995, 2004) e Haraway (2023), indica que conhecimentos e práticas são sempre co-produzidos na companhia de outros seres, materiais e mundos.

Esses tipos de experiências coletivas se vinculam a modos de fazer que o laboratório cultiva desde sua origem, o de compartilhar processos e aprendizagens, escrever juntos, reconhecendo que a pesquisa se faz sempre em relação, especialmente nos momentos em que ritualizamos estar-com e fazer-com nossos pares de laboratório. O processo de escrita das linhas de pesquisa foi um dos exercícios colaborativos que praticamos nos último anos, na rotina dos nossos encontros, em que compartilhamos o andamento de nossas investigações individuais, sentamos juntos para escrever coletivamente, escutando as colegas de pesquisa, e abrindo espaço para as contribuições coletivas. Desse modo, aprendemos a pensar junto com os outros, assim como também aprendemos a escrever junto com os outros.

Fazer em companhia também significa, frequentemente, instaurar um processo em que o tempo é dilatado, de modo a comportar a presença e envolvimento de todos que participam.

Pensar, elaborar e escrever coletivamente num tempo prolongado significou acolher um período de maturação e convivência com as ideias, em que as linhas se escreviam ao ritmo das conversas, das pausas e dos retornos. Nessa elaboração, entendemos coletivamente que a própria escrita é um processo de investigação, ao criar categorias provisórias, acolher tensões e divergências teóricas e sustentar instabilidades como parte fundamental do trabalho intelectual que fazemos.

A noção de *confluência*, concebida por Antônio Bispo dos Santos (2023), ajuda a compreender esse modo de operar, ao propor o encontro entre diferentes correntes de saberes e práticas sem que isso implique fusão ou perda das particularidades. Trata-se de um modo de pensar o conhecimento como fluxo, em que rios diversos correm juntos, compondo novos arranjos, mas preservando sua força singular. Neste processo, pensamos nos gestos de confluência que praticamos enquanto desenhávamos as linhas de pesquisa no laboratório.

Já a noção de *correspondência*, em Gatt e Ingold (2013) e Ingold (2016), propõe que pesquisar não é aplicar categorias prontas, mas acompanhar linhas de vida em seu desenrolar, como quem caminha ou toca junto; trata-se de uma prática de atenção e improvisação, em que o conhecimento se faz no ritmo do encontro, no responder a cada passo e a cada gesto. Ambas as ideias ecoam o que vivenciamos, destacando a pesquisa como prática relacional e contínua, mais próxima de um jogo de composição do que de uma síntese estável.

As linhas de pesquisa que apresentamos aqui não são um retrato estático, nem exaustivo, mas um gesto provisório, fluido e situado. Elas carregam tanto a memória das pesquisas já realizadas quanto a regeneração que emerge dos encontros mais recentes. Nesse sentido, oferecem aberturas para passagem, sujeitos a recombinações que respondem a fluxos, ciclos e atravessamentos. É tentacular!

Ao termos compartilhado essa experiência no *Primer Encuentro Latino-Americano de Antropología y Diseño*, e agora, também, nos *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, entendemos que participamos, como coletividade, do cultivo de uma coletividade compartilhada entre pesquisadoras que ultrapassa nosso laboratório e se inscreve em uma comunidade mais ampla, em conformação. As linhas de pesquisa, assim, não apenas organizam interesses acadêmicos, mas encarnam um método de elaboração e cultivo de coletividades, um modo de estar e pensar junto em meio às circunstâncias do presente. Em última instância, talvez seja isso que o LaDA vem experimentando desde seu surgimento, em 2013: práticas de pesquisa que não se limitam a produzir conhecimento sobre o mundo, mas que o produzem *com* o mundo, produzindo, assim, também, mundos: mundos compostos nos encontros de pesquisa, leitura e escrita, cultivados em meio aos gestos de correspondências e confluências em que insistimos em habitar.

Referências

- Anastassakis, Z. (2024). Confluências e entremeios no fazer design com antropologia. *Revista Estudos em Design*, 32(2), 33–44.
- Biz, P., Costa, D., Themoteo, P., Soares, F., Szaniecki, B., & Anastassakis, Z. (2022). *Design micelial: Uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI/UERJ*. Letra Capital, 26(2).
- Camargo, P. (2022). *Tempos e atravessamentos tramando linhas a partir do Centro Carioca de Design* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Escola Superior de Desenho Industrial. <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/20090>.
- Castro, J. S. E. (2024). *Entre casas, facções e vestidos: caminhando com mulheres mēbēngôkre* [Tese de doutorado não publicada]. PPGSA, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Daou, Í. (2024). *Pensar-com imagens: Subversões e fabulações em torno da bandeira nacional brasileira* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Escola Superior de Desenho Industrial. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/22686>.
- Gatt, C., & Ingold, T. (2013). From description to correspondence: Anthropology in real time. In W. Gunn, T. Otto, & R. C. Smith (Eds.), *Design anthropology: Theory and practice* (pp. 242–274). London & New York: Bloomsbury.
- Gomes, A. L. (2025). *Experiências de uma andarilha: imersões e colaborações em meio às práticas de design anthropology* [Dissertação de mestrado não publicada]. Programa de Pós-Graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Haraway, D. (2023). *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthuluceno* (Trad. Braga, A. L.). São Paulo: n-1 edições.
- Ingold, T. (2016). On human correspondence. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 23(1), 9–27.
- Latour, B. (2020). *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Martin, N. (2023). *A leste dos sonhos: respostas even às crises sistêmicas* (C. Boldrini & D. Lüthmann, Trans.). Editora 34.
- Monteiro, M. (2023). *Festa, espaço e encontro: táticas de insistência em meio à turbulência de uma pandemia* [Dissertação de mestrado não publicada]. Programa de Pós-Graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Okabayashi, J. (2021). *Uma perspectiva decolonial para o design no Brasil: Design, eurocentrismo e desenvolvimento*. São Paulo: Editora Sabiá.
- Ostrower, F. (1983). *Criatividade e processos de criação* (3ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Ramos, A. V. A. (2025). *Design das relações: amor, escuta e procedimento* [Dissertação de mestrado não publicada]. Programa de Pós-Graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Santos, A. B. dos. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama.

- Serpa, B., Costa, D., Biz, P., Marinho, L. C. N., Freire, C., Szaniecki, B., & Anastassakis, Z. (2020). Sobre cuspes e perdigotos: Sete gestos contra a necropolítica zumbi no Brasil. *ClimaCom – Epidemiologias*, 7(19). <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sobre-cuspes-e-perdigotos/>.
- Silva, K. (2023). *Guanabara, imensidão e abismo: estórias das coletas, cartas e descartes* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Escola Superior de Desenho Industrial. <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/23963>.
- Strathern, M. (1995). *The relation: Issues in complexity and scale*. Cambridge: Prickly Pear Press.
- Strathern, M. (2004). *Partial connections* (Updated ed.). Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Szaniecki, B., Del Gaudio, C., Meyer, G. E. C., Noronha, R., & Marquez, R. (2022). Grafias outras: Extrapolando barreiras positivistas nas escritas em design. In *Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* (pp. 8474–8492). São Paulo: Blucher. <https://doi.org/10.5151/ped2022-c16>.
- Szaniecki, B., Biz, P., & Anastassakis, Z. (Orgs.). (2023). *Imaginação, participação e correspondência*. Rio de Janeiro: PPDESDI. (Coleção Laboratórios)
- Tsing, A. L. (2019). *Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.
- Tsing, A. L., Deger, J., Keleman Saxena, A., & Zhou, F. (2024). *Field Guide to the Patchy Anthropocene: The New Nature*. Stanford University Press.

Abstract: Between 2024 and 2025, the members of the Laboratory of Design and Anthropology at the School of Industrial Design, Rio de Janeiro State University, carried out a collaborative process of re-elaborating the group's research lines. This text presents that process, outlining the resulting research lines and arguing that collaborative research practices such as this one are also gestures of correspondence, confluence, and the cultivation of collectivities.

Keywords: Laboratory of Design and Anthropology; Collaborative writing; Correspondence; Confluence; Collectivity.

Resumo: Entre 2024 e 2025, as integrantes do Laboratório de Design e Antropologia da Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizaram um processo colaborativo de reelaboração das linhas de pesquisa do grupo de pesquisa. Este texto apresenta este processo, delineando as linhas de pesquisa resultantes, e buscando defender que práticas colaborativas de pesquisa, como esta, são, também, gestos de correspondência, confluência e de cultivo às coletividades.

Palavras-chave: Laboratório de Design e Antropologia. Escrita colaborativa. Confluência. Coletividade. Correspondência.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]
